

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p6>

O CORPO-INFÂNCIA NOS “EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA”¹ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Dia após dia **nega-se às crianças o direito de ser crianças**. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo os **trata os meninos ricos como se fossem dinheiro**, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo **trata os meninos pobres como se fossem lixo**, para que se transformem em lixo. E **os do meio, os que não ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor**, para que aceitem, desde cedo, como destino, a vida prisioneira. **Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças** (grifos nossos).*

Eduardo Galeano²

Esta edição tem como escopo voltar a tratar da problemática da infância e da criança, após ter trazido para o debate, no ano de 2007, o tema “Educação Física na educação infantil: retomando projetos e

apontando caminhos”³. Além dessa produção do dossiê nesta revista, urge destacar que a problemática da infância/criança vem sendo debatida e problematizada em vários outros periódicos da Educação Física. Nos

1 BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. Essa expressão também foi utilizada no texto de Maurício Roberto da Silva “Exercícios de ser criança”: o corpo em movimento e a cultura lúdica nos tempos-espacos da educação infantil da Rede Municipal de Florianópolis ou “por que toda a criança precisa brincar muito”, publicada na Revista Motrivivência, Ano XIX, no. 29, Dez./2007 <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/11247>> .

2 GALEANO, Eduardo. **Os alunos**. In: **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

3 Revista Motrivivência, Ano XIX, no. 29, dez./2007.

últimos anos, houve um grande avanço neste sentido, principalmente quando se leva em consideração as dissertações de mestrado, teses de doutorado e produções de livros de autores como: Deise Arenhart, Maurício Roberto da Silva, Alexandre Vaz, Ingrid Wiggers, Ana Cristina Richter, Iracema Munarim, Márcia Buss, Jaciara Leite, entre outros. Esses autores, assim como tantos que não estão citados aqui, passaram a se constituir em referência na área, principalmente no que se refere aos estudos sobre o corpo, nas ciências humanas e nas ciências sociais. São eles que, de algum modo, retomaram o debate sobre a necessidade de romper com os conceitos de infância e criança idealizada, a-histórica e acrítica.

Com essa edição, oito anos depois, *Motrivivência* traz de volta o tema da infância/criança à cena acadêmica da Educação Física, porém, desta vez, alargando o debate para as práticas corporais nos anos iniciais do ensino fundamental, conforme a ementa que orientou a nossa seção temática:

O campo de conhecimento e intervenção da Educação Física tem sido questionado sobre quais contribuições pode oferecer para a formação cultural da criança e como as práticas corporais podem se constituir em conteúdos/linguagens na Educação Infantil e anos iniciais do ensino Fundamental. [...] Nosso propósito é ampliar o debate, convocando os pesquisadores e professores que estudam/intervém na área para divulgar suas reflexões e práticas pedagógicas. Nesse sentido, essa seção temática tem como objetivos: 1) proporcionar a

reflexão sobre a problemática da educação do corpo e do cuidar na infância; 2) discutir propostas curriculares em torno de eixos teórico-práticos e metodológicos que abarquem as especificidades e as demandas das crianças pequenas das aulas de Educação Física; 3) pensar as práticas corporais como conteúdos/linguagens da Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental; 4) apresentar relatos de experiências de produção da cultura lúdica infantil, devidamente fundamentadas, realizadas em instituições escolares e/ou outros espaços educacionais”.

Quando refletimos sobre o poema de Eduardo Galeano, o título do editorial e a capa da revista, podemos também fazer “exercícios” de reflexão sobre os “corpos precarizados⁴” em termos de classe, raça/etnia, cultura, geração, gênero e outras categorias sociológicas. Neste sentido, as representações imagéticas e textuais contempladas na abertura da revista procuram refletir o corpo-infância e a cultura corporal e de movimento na Educação Física. Na capa⁵, pode-se ver a criança subindo as escadas, não necessariamente para fazer exercícios de fortalecimento das pernas, mas sim rumo ao topo em busca de um lugar na escola e na vida social, tentando escapar das determinações do mundo dos adultos conservadores da cidade capitalista. Nestes termos, a imagem daquela criança traz indícios de que a recente aprovação da “redução da maioria penal⁶” pode representar a prisão de jovens adolescentes da classe trabalhadora empobrecida no precário e perverso

4 ARROYO, Miguel. *Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional*. In: ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto (Orgs.). **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

5 Foto de Paulo Lima: <http://www.estudiopaulolima.com.br/>

6 REVISTA GALILEU. **A melhor forma de lidar com o jovem infrator**. Junho de 2015.

sistema carcerário brasileiro. Essa situação das crianças e jovens poderá repercutir na educação desses sujeitos à medida que o Estado não oferece práticas verdadeiramente “sócio-educativas” que, ao invés de realizarem uma educação opressora (corpo oprimido), deveriam apresentar-se como uma educação verdadeira emancipatória.

O “corpo-infância”⁷, ao subir as escadas, tenta escapar do enquadramento na sociedade de classes (as crianças pobres, as do meio e as ricas) e, nesse limiar, construir uma nova cidade, uma nova sociedade, onde seja possível, efetivamente, ser “criança”, conforme já disseram as crianças na mídia televisiva diante às inúmeras balas perdidas nas favelas do Rio de Janeiro: “é difícil ser criança no Rio de Janeiro”. Com efeito, deve ser difícil ser criança em grande parte das grandes cidades, principalmente, na América Latina, Ásia, África, Caribe e outras do planeta.

Com efeito, quando se observa a realidade brasileira (diminuição da maioridade penal) e as imagens e dados estatísticos que vêm de outros rincões do mundo (imagens de refugiados sírios na Europa), pode-se perceber que o conceito de infância (construção social) e de criança (sujeito de direitos) segue ainda seu curso no presente com base ontológica nas violências e nos maus tratos da seguinte monta: crianças combatentes nas guerras (criança-soldado); exploração do trabalho infanto-juvenil, prostituição infantil, violência sexual, maus-tratos físicos e psicológicos, tráfico

de bebês, utilização de crianças no tráfico de drogas, entre outros. Essas imagens, no entanto, só são amenizadas e ocultadas quando se vê os apelos emocionais das imagens espetaculares das crianças empobrecidas, “brincando” em meio aos esgotos, palafitas e lajes. Nessa mesma perspectiva, podem-se ver crianças da classe média brincando em apartamentos, “ligadas” na internet e na televisão; e, por fim, crianças filhas das elites, em seus condomínios fechados, fazendo o exercício de ser mais um jogador do jogo capitalista.

Os “exercícios de ser criança” no Brasil trazem em seus movimentos uma historicidade do corpo das crianças, impressa nas concepções e práticas do que significa “infância” e “criança” na vida cotidiana das práticas escolares e não escolares. O Corpo-infância é um “território em disputa” (cf. Arroyo)⁸ que é apropriado pelo Estado, escola, família, mídia e religião e, nas práticas pedagógicas oriundas dessas instâncias, estão expressas as marcas e tatuagens históricas das subjetividades e coletivos sociais. São marcas dos tratos e maus-tratos impressos no corpo social; marcas que estão, emblematicamente, cunhadas na história do corpo e na história da infância e das crianças no Brasil, conforme nos alerta Mary Del Priore⁹. A autora nos lembra que, ao investigar as crianças na Colônia, Império e República, torna-se necessário fazer alguns questionamentos a fim de refletir como vem sendo os tratos para com as crianças ao longo da história do Brasil. Ela propõe

7 ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto (Orgs.). **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

8 ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

9 DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da Criança no Brasil**. São Paulo; Contexto, 1992.

que os pesquisadores e historiadores façam um “saúdavel exercício de olhar para trás”.

Esse “exercício” (de ser criança e pesquisador) poderá iluminar os caminhos que agora percorremos, para que possamos entender o modo como a sociedade vem pondo em prática a idéia de infância nos contextos históricos, sociais, econômicos, cultural e político. Essa reflexão implica em considerar nas análises, tanto nas práticas pedagógicas em geral, quanto nas práticas corporais e seus exercícios de ser criança nas aulas de Educação Física, as seguintes indagações: a) de que modos as crianças são tratadas numa sociedade desigual e vinçadas por transformações sociais? b) o lugar da criança na sociedade brasileira terá sido sempre o mesmo? c) que marcas trazem as crianças de hoje, diferentes daquelas que as antecederam no passado? As perguntas da autora trazem as pistas para uma resposta provisória: essas marcas trazem consigo os sinais das desigualdades sociais (divisão de classe) e, conseqüentemente, as desigualdades escolares, que estão diretamente imbricadas a outro tipo de desigualdade da condição humana: as diversidades socioculturais. Essas diversidades estão amalgamadas à classe social, expressando-se nos corpos das crianças, imprimindo, simultaneamente, as determinações de geração, gênero, raça/etnia, cultura, família, religião¹⁰.

A história das crianças e da infância revela as marcas, as idéias, as práticas sociais, as políticas públicas que cada sociedade produz no sentido de “cuidar”

e “educar” suas crianças. A formação de professores e professoras deve procurar, em primeiro lugar, tentar olhar as crianças “com olhos de crianças”¹¹ e fazer o “exercício de ser criança”, sem, contudo, “infantilizar-se”, compreendendo o modo como elas constroem história e cultura no presente e, por conseguinte, a sociedade. Contudo, é essencial não as olhar como “preparação para o futuro”, mas sim nas suas especificidades e demandas do presente, tendo como foco o olhar crítico sobre a situação das crianças no Brasil e no mundo. Para que se possa compreender e problematizar a cultura corporal a partir dos “exercícios de ser criança”, é imprescindível realizar o “saúdavel exercício de olhar para trás” (cf. Del Priore, já referida). Essas perspectivas epistemológicas e teórico-metodológicas poderão nortear o debate e formulação das pesquisas que se travam no âmbito das políticas públicas e projetos político-pedagógicos instâncias de planejamento e gestão da Educação Física escolar e não escolar (práticas pedagógicas em espaços públicos para a cultura lúdica). Esse exercício poderá produzir, no ponto de vista da alteridade, educadores/pesquisadores mais “crianças”, se nos apropriarmos da história da infância e das crianças brasileiras, no que diz respeito à cultura corporal tanto no passado mais recente quanto em tempos longínquos.

Nesta linha de pensamento, se também nos colocarmos no corpo das crianças, poderemos levantar a hipótese de que é igualmente difícil ser criança nas aulas

10 SILVA, Maurício Roberto. “Exercícios de ser criança”: O Corpo em movimento na Educação Infantil. In: ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto. **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

11 SAYÃO, Débora T.; LERINA, G. L. **Corpo e movimento, adultos e crianças: experiências e desafios**. Cadernos de Formação - Divisão Infantil, p. 75-80. Florianópolis.

dos anos iniciais do ensino fundamental. Neste âmbito, talvez fosse interessante, de forma mais explícita, realizar pesquisas delimitadas para a presença da infância e da criança na história da Educação Física e suas práticas pedagógicas com seus conteúdos/linguagens, sobretudo, no que se refere à historiografia da recreação, os jogos, esportes, os acampamentos, danças, gincanas.

Essa hipótese leva em consideração o fato de que o campo de conhecimento e intervenção da Educação Física, apesar dos avanços, ainda vem sendo questionado em termos de suas contribuições para a formação cultural da criança e dos modos como as práticas corporais podem se constituir na educação física na educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. O fato é que não se trata de um fenômeno isolado, uma vez que se pode dizer que na educação em geral há o questionamento sobre os limites e possibilidades das práticas educativas no âmbito das demais matérias de ensino. Neste sentido, grande parte dos professores que ensinam português, artes, matemática e outras matérias de ensino vêm se queixando da dificuldade em garantir, com base em elementos teórico-práticos e teórico-metodológicos, uma prática pedagógica que se alie aos movimentos e exercícios de ser criança, com base nas especificidades e demandas das crianças, do corpo-infância.

No que concerne aos problemas perenes da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, cabe destacar que não basta implementar concepções mais críticas e criativas em relação ao corpo em movimento (lúdico, tempo e espaço) e

aos conteúdos/linguagem. Trata-se de se pensar o processo ensino-aprendizagem, no âmbito da cultura corporal, como processo de produção cultural e aprendizagem social, política, ética e estética, além das condições objetivas para a realização do trabalho pedagógico com as crianças: relações de trabalho, salário dos professores, tempo destinado à pesquisa, espaços e equipamentos, trabalho coletivo, entre outros aspectos. Nesse sentido, os conteúdos/conhecimentos/linguagens corporais, gestuais, cênicas, escritas, imagéticas, sonoro-musicais, plásticas e outros, extrapolam a dimensão meramente conteudista para uma perspectiva ampliada de educação omnilateral, enfim, de formação humana. Além dessas reflexões teórico-metodológicas, entendemos ser essencial pensar a infância não mais numa concepção abstrata, como “natureza infantil” que culmina por conceber as crianças distanciadas de suas condições objetivas de vida e como se fossem desvinculadas das relações de produção existentes na sociedade. Ao invés disso, pensar a infância como construção social, cultural, política e, nesses termos, a criança como sujeito que constrói a história e a cultura com o corpo em movimento no tempo e espaço social. A infância é, portanto, não só uma construção social, mas também histórica, ética, estética, pedagógica, política, cultural; e as crianças são sujeitos que constroem a pátria, que tem direitos e devem ser educadas e cuidadas com base na proteção, provisão e participação¹².

12 SILVA, Maurício Roberto. “Exercícios de ser criança”: O Corpo em movimento na Educação Infantil. In: ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto. **Corpo-Infância: exercícios tensos de ser criança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Os textos que compõem a seção temática dessa edição demonstram que, apesar dos limites e das dificuldades antes referidos, é possível perceber que há “exercícios de ver a criança” no âmbito da Educação Física, tanto pela quantidade de originais submetidos à revista quanto pela qualidade dos textos selecionados, que abrangem aspectos da criança/infância desde a sua presença na educação infantil e anos iniciais do Fundamental, na pesquisa em diálogos interdisciplinares, nas experiências corporais sensíveis, no lúdico e na violência, no brincar, no aprender e na escolarização, na prática docente.

Nas demais seções (Artigos e Porta Aberta), essa edição continua trazendo contribuições muito relevantes dos nossos autores/colaboradores em textos que, a partir de abordagens socioculturais e/ou pedagógicas, tematizam o corpo e a motricidade, gênero e o ensino nas lutas, a cultura da convergência e da mídia nos megaeventos, a formação continuada de professores, o estágio supervisionado, a produção acadêmica da área, o esporte, a dança, as políticas públicas e a cidadania, entre outros.

Em nossa seção de homenagens, pensamos expressar o reconhecimento da comunidade da área a este grande docente e pesquisador alemão, prof. Jurgen Dieckert, organicamente ligado à Educação Física brasileira desde os anos 80 do século passado, quando aqui atuou como professor visitante do recém-criado curso de mestrado da UFSM, foi consultor (e ativista) do Programa Esporte para Todos (EPT - SEED/MEC) e coordenou uma importante coleção sobre Educação Física, da editora Ao Livro Técnico. A professora Celi Taffarel, que foi sua orientanda de mestrado, colabora com texto em que apresenta as muitas e significativas

contribuições do prof. Dieckert e presta-lhe as devidas homenagens, ao que se associam todos os que fazem a Motrivivência, revista com a qual ele sempre esteve ligado e da qual faz parte como membro do Conselho Científico.

Este editorial reserva espaço para a divulgação de uma informação relevante para a revista e para a área. Desde a nossa indexação ao LILACS, vínhamos sendo questionados sobre a situação do Qualis/CAPES da Motrivivência e nossa resposta, por oportuna, era sempre de que a classificação da revista naquele sistema não era responsabilidade nossa, e sim dos coordenadores de programas de pós-graduação da Área 21. Pois no recente mês de agosto fomos formalmente informados que a Motrivivência foi, agora, reclassificada no estrato B2. Isso é motivo de alegria, mas também de preocupação e responsabilidade para nós. Já podemos perceber um significativo aumento de manuscritos submetidos, o que demanda um trabalho mais ágil e eficaz de normalização e avaliação. Nesse sentido, queremos destacar, agradecer e convocar, uma vez mais, o nosso corpo de pareceristas, bem como os nossos avaliadores *ad hoc*, que nos têm dado amplo respaldo sempre que solicitados.

Para encerrar esse editorial, continuamos a reflexão deixada por Eduardo Galeano na epígrafe que abre o editorial, em seu texto “Os alunos”. O objetivo é incentivar a comunidade acadêmica para se posicionar “contra a diminuição da maioria penal” e pensar no drama das famílias refugiadas com suas crianças, oprimidas pelas guerras econômicas, étnicas e religiosas:

Na América latina, crianças e adolescentes somam quase a metade da população total. A metade dessa metade vive

na miséria. Sobreviventes: na América Latina, a cada hora, cem crianças morrem de fome ou doença curável, mas há cada vez mais crianças pobres em ruas e campos dessa região que fabrica pobres e proíbe a pobreza. Crianças são, em sua maioria, os pobres: e pobres são, em sua maioria, crianças. E entre todos os reféns do sistema, são elas que vivem pior condição. A sociedade as espreme, vigia, castiga e

às vezes mata; quase nunca as escuta, jamais as compreende.

Florianópolis, setembro de 2015.

Maurício Roberto da Silva
Giovani De Lorenzi Pires
Rogério Santos Pereira
Editores